



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13750 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

CRÍTICA DA RAZÃO EUCÓRPICA: QUE CORPOS IMPORTAM?

Fulvio Cesar Garcia Severino - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Sandra Aparecida Riscal - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

CRÍTICA DA RAZÃO EUCÓRPICA: QUE CORPOS IMPORTAM?

Resumo: O objetivo deste trabalho é olhar para a crise sanitária provocada pela Covid-19 a partir da pesquisa genealógica sobre os corpos desenvolvida durante tese de doutorado defendida em 2022. Os estudos de Anatomia e Fisiologia do século XIX produziram um corpo economicamente eficiente (*euorpo*) que serve de parâmetro de inteligibilidade semiológica para determinar necro e biopoliticamente que corpos importam, que corpos têm possibilidade de futuro e como os corpos devem ser utilizados. O gerenciamento da crise, e especialmente os acontecimentos de janeiro de 2021, em Manaus, representam essa racionalidade, que privilegia mais a economia dos corpos do que o seu conjunto de aspectos subjetivos.

Palavras-chave: Biopolítica, Corpos, Genealogia, Razão Eucórpica

Introdução

“I can’t breathe” (George Floyd, EUA, 2020)

Manaus, AM, jan./2021 (não respiraram)

Embora grande parte de nós preferisse esquecer os acontecimentos trágicos de janeiro de 2021, em Manaus (AM), eles já completaram mais de dois anos e nada aconteceu, além das mortes por asfixia. Uma reportagem do *El País*, à época, relatava que além de os médicos terem de escolher quem vivia e quem morria, pela falta de cilindros de oxigênio, também denunciava:

ao longo do dia, [...] todos os pacientes internados deveriam receber uma fração mais baixa de oxigênio, uma vez que os estoques só eram suficientes para cobrir oito horas. [...] o médico intensivista Anfremon D’Amazonas, [...] contou a operação hercúlea montada para tentar salvar os pacientes apesar da falta de O₂. Primeiro colocaram todos de bruços (pronar, no jargão médico), para melhorar a oxigenação. [...] “A gente conseguiu salvar quem dava, quem podia”, lamentou (SCHIMIDT, 2021).

Em janeiro de 2022, uma matéria do *Brasil de Fato*, relatava uma das tantas histórias de desespero ocorridas em Manaus. A história de Ozimar e Raimunda, dois nomes, mas uma história comum às 2195 mortes em janeiro, em Manaus: “‘Perdi minha esposa, minha filha, meu filho. Agora é só esperar o tempo que ainda tenho aqui para poder ir embora’, conforma-se esse torneiro mecânico [Ozimar] de 63 anos” (LIMA, 2022).

Naquela manhã de 14 de janeiro [de 2021], as redes sociais foram tomadas por relatos desesperados de familiares vendo os infectados pela Sars-Cov-2 morrerem por asfixia. O Sindicato dos Médicos do Amazonas estimou que entre 20 e 40 amazonenses podem ter morrido por asfixia (LIMA, 2022).

O objetivo deste trabalho, em formato de ensaio, é fazer uma aproximação dos acontecimentos em Manaus, em janeiro de 2021, com a pesquisa genealógica do doutorado sobre os discursos científicos que produziram um conjunto de sistemas de saberes funcionais e sistemáticos que conceberam uma inteligibilidade ao corpo idealizado pelas Ciências Biomédicas e simultaneamente produziram corpos sujeitados.

Breve genealogia dos corpos: a Razão Eucórpica

A crise sanitária mundial provocada pela covid-19 (Sars-Cov-2) escancarou menos a fragilidade humana perante um vírus do que perante a própria noção de humanidade que supúnhamos construída como um conceito positivo. Evidenciou-se mais o abismo social, econômico, de oportunidades, de privilégios, de direitos, que separava – utilizando-se do pensamento de Judith Butler (2002) – os corpos que importavam e os que não importavam; ou, nas palavras de Donna Haraway (1995), os corpos que poderiam ter possibilidade de futuro e os que não poderiam; ou ainda, em termos foucaultianos (FOUCAULT, 2014), os corpos utilizáveis e os não ou menos utilizáveis.

Qualquer que seja a perspectiva, há um aspecto em comum, dentro de uma racionalidade que compreende os corpos como máquinas eficientes produtiva e sexualmente – *Razão Eucórpica* – (autor, 2022), ou seja, se e como importam, se têm possibilidade de futuro ou se e como serão utilizáveis.

Alguns corpos são simbolicamente mais próximos de uma produção anátomo-metafísica criada pela Anatomia e pela Fisiologia – essa invenção é denominada *eucorpo* (ironicamente, corpo verdadeiro), cujo padrão de inteligibilidade, grosso modo, determina o uso dos corpos (autor, 2022). É esse *eucorpo* que surge como objeto e produto de pesquisa no século XIX.

O “corpo” que aparece no século XIX é completamente diferente daquele investigado nos séculos anteriores. Há, pelo menos, três condições de possibilidade nos séculos XVIII e XIX que contribuíram para a produção desse “corpo” novo: o homem também se torna, nesse século, objeto de investigação científica, soma-se o pensamento evolutivo, que desenvolvia, a um só tempo um saber da história filogenética humana e determinava quais corpos seriam os mais próximos da animalidade e quais seriam “mais evoluídos”, ou seja, mais humanos. A terceira condição é o que Foucault (2008a,b) chamou biopolítica. Desde o século XVIII, o controle dos corpos por meio do governo da população, para gerir as consequências sociais, econômicas e políticas da escassez de alimentos, agravadas pelas epidemias e adensamento populacional. Tudo isso passa a ser concebido não mais como problemas que os governos devem eliminar, mas como fenômenos naturais que os governos devem gerir; de um conjunto de leis jurídicas sobre o comércio de cereais, no mercantilismo, passa-se a um liberalismo que é tanto *laissez-faire*, *laisse-aller*, *laisser-passer*, quanto *laisser-mourir*.

O corpo sempre foi um “padrão de análise” (médica, social, econômica, religiosa, jurídica) via diferentes semiologias (sexualidade, sexo/gênero, etnicidade, racialidade, classe, religiosidade), suturado pelas relações cultura-natureza, barbaridade-civilidade, humanidade-desumanidade, pecado-purificação, senhor-escravizado, saúde-doença e vinculado, a partir do século XIX, ao eucorpo como parâmetro de normalidade. O eucorpo trouxe consigo aliada a uma taxonomia analítica, a possibilidade do homem tornar-se, pelo seu corpo, objeto de investigação científica, constituindo uma máquina anatômica e fisiologicamente desenhada. Como qualquer máquina necessita ser eficiente, a Fisiologia se transforma na ciência dos cálculos dessa eficiência, que representariam “economicamente” o *modus operandi* da natureza. É o uso da máquina que importa, isto é, “o uso dos corpos”, em linguagem fisiológica.

O “uso dos corpos” não é novidade do século XIX, mas pelo fato de esse “corpo” ter se tornado algo mecânico e cibernético (mecanicamente autorregulado) seu uso está mais “adequado” à nascente economia liberal. A Fisiologia, a partir do século XVII, torna-se sinônimo de economia animal; segundo Canguilhem (1977), a publicação ^[1], em 1659, do médico inglês Walter Charleton introduziu na Fisiologia a noção de economia, que autorizou analogias e metáforas de máquina (como em Buffon ou em Lavoisier) ou de fábrica (como em Hume) para estudar e compreender o corpo humano. Da publicação original, em inglês, a expressão “economia da natureza humana” passa, na publicação em latim, para “economia animal”.

Também Darwin chamou economia da natureza ou economia natural o que Ernest Haeckel, em 1866, denominou *Oecologie* (Ecologia). Tanto Ecologia (como economia da natureza) quanto Fisiologia (como economia animal) estão atreladas à economia. Embora a economia animal seja anterior ao liberalismo, é nesse momento que ela preenche a lacuna filogenética deixada pela teoria darwiniana; Fisiologia e Ecologia como economia animal e da natureza e, com efeito, como corpo e ambiente, tornam-se propriedades privadas aprisionadas

no *oikos* (*oikonomikon*), que, nos gregos antigos, era o local da violência, da divisão sexual do trabalho, do labor com o próprio corpo, oposto à *pólis* (política), onde a liberdade podia ser exercida. A própria definição de Ecologia remete aos gregos: *oikos* como casa, é metaforicamente o ambiente dos seres vivos. *Oikos* também se torna corpo, os termos monoico e dioico usam-no como sufixo para diferenciar os organismos que têm uma casa (corpo) para os sexos e aqueles que têm duas casas (corpos) para os sexos.

Esta pesquisa genealógica analisou materiais científicos desde 1700 (autor, 2022) e revela que ao mesmo tempo em que era produzido um corpo idealizado, destrinchado em sua anatomia e fisiologia e calculada sua eficiência econômica, no que diz respeito à produtividade e à sexualidade, também se produzia um corpo que deveria estar submetido a todas essas regras, esse corpo é o *oicorpo* (*oikos+corpo*), que deve ser docilizado, segundo Foucault; ou como relata Butler (2011, 2015, 2019), o corpo precário assujeitado, “lutamos na precariedade, a partir dela e contra ela [...] somos todos vidas precárias” (BUTLER, 2019, p. 134), porque somos todos *oicorpos* – submetidos à *eucorporeidade*.

Desde Galeno (132-200), tanto o corpo existia como objeto de investigação, quanto suas partes eram pensadas em seus usos; seu *De usu partium corporis humani* [*O uso das partes do corpo humano*] evidencia esses dois aspectos. Bem diferente do século XIX, o uso das partes do corpo, em Galeno, está mais ligado a compreensão anatômica e filosófica do corpo. Tratava-se do uso, segundo Agamben (2017), em relação à funcionalidade de uma estrutura em seu meio.

Galeno não operava cálculos, não havia uma economia que conduzia seus estudos, ele buscava a compreensão do funcionamento do corpo associada a elementos filosóficos; para Galeno, o médico deveria conhecer lógica, física, ética e filosofia. Era imprescindível que tivesse a confiança do paciente e não ser um mero prático de doenças baseado no empirismo (STÜLP; MANSUR, 2019). Seu principal trabalho foi o ensino e a prática da medicina por meio do conhecimento de Hipócrates, “o ensino da medicina seguia a tradição grega do aprendizado técnico, uma vez que a medicina era uma *techné*, um saber teórico voltado para a arte manual” (REBOLLO, 2006).

Os conhecimentos de Galeno foram referenciais para o estudo da anatomia e da medicina até final do século XVIII e começo do XIX. Até o século XV, as aulas de Anatomia eram baseadas no modelo escolástico *quodlibetano*, no qual o professor lia livros clássicos de anatomia (Galeno como referencial importante) enquanto outra pessoa, geralmente um barbeiro, executava os cortes, seguindo as indicações das leituras, o primeiro, sem tocar no corpo e apresentando as estruturas enunciadas; a prática estava subordinada à teoria (CHIARELLO, 2011). Foi Andrea Vesalius quem alterou essa forma de ensino, ele expressa essa crítica no seu clássico *De humanis corporis fabrica* [em livre tradução: *Das estruturas do corpo humano*].

Considerações finais

A racionalidade eucórpica é um elemento importante para compreender o que aconteceu com o gerenciamento da pandemia de covid-19. A preocupação foi menos com a vida do que com a economia. Em 2020, uma publicação na revista médica *The Lancet* denunciava a racionalidade eucórpica como forma de pensamento dominante – a covid-19 era menos um problema biomédico do que social, econômico, político, filosófico, moral, ético – Richard Horton demandava analisar a covid-19 não como uma pandemia, mas como uma sindemia e afirmava categoricamente que “não importa o quão efetivos sejam o tratamento e a proteção pela vacina, se a busca para uma solução para a covid-19 for meramente biomédica, ela fracassará” (HORTON, 2020, p. 847). É justamente o que Leo-Neto e Fernandez (2022) confirmam: o gerenciamento da crise sanitária no Brasil ignorou as diferenças de letalidade espaço-temporais, cujas bases estão nas desigualdades; segundo os autores, a covid-19 teve impactos dramaticamente diferentes entre corpos brancos e pretos, evidenciando que certos grupos sociais tinham maior vulnerabilidade do que outros – a eucorporeidade de certos corpos garante privilégios sobre a oicorporeidade de outros.

A experiência de Manaus também revela que corpos importam, em quais corpos a expressão da oicorporeidade (ou precariedade) é mais evidente e que corpos estão mais protegidos por um *éthos* eucórpico: que corpos representam mais o ideal econômico produtivo e sexual e quais não; no *laisser-mourir*, quais corpos cumpriram essa função necropolítica; no *laisser-faire* ou na biopolítica do gerenciamento dos corpos, quais tiveram o direito de determinar o futuro de outros.

Referências

- AGAMBEN, G. **O uso dos corpos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BUTLER, J. **Cuerpos que importam**. Sobre los límites materiales e discursivos de lo “sexo”. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós. 2002.
- BUTLER, J. Vida precária. **Contemporânea**. No. 1; p. 13-33, jan-jun. 2011.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética**. Editora Autêntica. 1 ed.. 2015.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa de assembleia. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CANGUILHEM, G. **Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- CHIARELLO, M. Sobre o nascimento da ciência moderna: estudo iconográfico das lições de anatomia de Mondino a Vesalius. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 9, n. 2, 2011, 291-317 pp.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. Curso no *Collège de France* (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes. 2008a.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. Curso no *Collège de France* (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes. 2008b.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Vol. 5, pp. 7-41; 1995.

HORTON, R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. **The Lancet**. Setembro, v. 396, 874 p., 2020.

LÉO-NETO, N. A.; FERNANDES, K. M. Saberes das lutas antirracistas sobre saúde e o novo coronavírus na formação docente. **Revista de Ensino de Biologia da SBenBio**. v. 15, nesp2, p. 531–549, 2022.

LIMA, L. Covid-19: crise de oxigênio em Manaus completa um ano. **Brasil de Fato**. Jan./2022. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/15/covid-19-crise-de-oxigenio-em-manaus-completa-um-ano>, acesso 02/04/2023.

REBOLLO, R. A. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. **SCIENTIÆ Studia**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2006, p. 45-82.

SCHIMIDT, S. Morrer sem oxigênio em Manaus, a tragédia que escancara a negligência política na pandemia. **El País**. Jan./2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-15/morrer-sem-oxigenio-em-uma-maca-em-manaus-a-tragedia-que-escancara-a-negligencia-politica-na-pandemia.html>, acesso 02/04/2023.

STÜLP, C. B.; MANSUR, S. S. O estudo de Claudio Galeno como fonte do conhecimento de anatomia humana. **Khronos, Revista de História da Ciência**. n. 7, 2019, p. 153-169.

VESALIUS, A. The preface of Andrea Vesalius to *Fabrica Corporis Humani* 1543. Translated by B. Farrington (Cape Town). **Proceedings of the Royal Society of Medicine**. 1932, p. 39-48.

[1] Em inglês, originalmente: *Natural history of nutrition, life and voluntary motion containing all new discoveries of anatomy concerning economy of human nature*. Em latim, a obra foi traduzida por *Exercitationes de Oeconomie Animalii* (CANGUILHEM, 1977).